

---

Research Article

## A escrita como divã da paixão ou De que modo Agustina Bessa-Luís superou Sigmund Freud

Mafalda Sofia Borges Soares

Université Sorbonne Nouvelle

**Abstract:** Based on the Freudian character of Agustina's prose – which doesn't imply considering Agustina Bessa-Luís' work as a mere palimpsest but rather including it in certain currents of thought that have continued to appear in her prose at the dawn of the 21<sup>st</sup> century –, our article will focus on the novel *Doidos e amantes*, published by Relógio d'Água in 2021. By analysing passages from this still little-studied and untranslated book, we will find out how passion is shaped under Agustina's aegis, how this passion is experienced – perhaps even suffered – by the protagonist Maria Adelaide and what social consequences this woman is subjected to when she gives in to Eros. We will also see how the Augustinian discourse was able to go further than Freud's own, since the Portuguese writer didn't "give up on understanding women", as the Austrian psychoanalyst did, according to what the Portuguese author states in her *Dicionário imperfeito* (p. 120). We will therefore aim to complement Freud in the light of Agustina by associating two Freudian works in their French translations with the study of *Doidos e amantes: La féminité* and *Psychologie de la vie amoureuse*.

**Keywords:** Agustina Bessa-Luís, Sigmund Freud, *Doidos e amantes*, passion, women, society

**Resumo:** Tendo como fio condutor o carácter freudiano da prosa agustiniana – o que não implica considerar o trabalho de Agustina Bessa-Luís como mero palimpsesto, mas antes incluí-lo em determinadas correntes de pensamento que continuaram a verificar-se na sua prosa no dealbar do século XXI –, o nosso artigo debruçar-se-á sobre o romance *Doidos e amantes*, editado pela Relógio d'Água em 2021. Pretender-se-á, mediante a análise de passagens deste livro ainda pouco estudado e não traduzido, saber como se configura a paixão sob a égide de Agustina, de que maneira essa paixão é vivida – talvez até sofrida – pela protagonista Maria Adelaide e a que consequências sociais está sujeita essa mulher que se entrega às veleidades de Eros. Constataremos, outrossim, de que modo o discurso agustiniano pôde ir mais longe do que o do próprio Freud, uma vez que a escritora portuguesa não "desistiu de entender as mulheres", como o terá feito o psicanalista austriaco, de acordo com o que declara a autora no seu *Dicionário imperfeito* (p. 120). Visaremos, portanto, complementar Freud à luz de Agustina, associando ao estudo de *Doidos e amantes* duas obras freudianas nas suas traduções francesas: *La féminité* e *Psychologie de la vie amoureuse*.

**Palavras-chave:** Agustina Bessa-Luís, Sigmund Freud, *Doidos e amantes*, paixão, mulheres, sociedade

### 1 Introdução

Sabe-se hoje que o contacto com a obra de Sigmund Freud constituiu um momento indelével para Agustina. Pode assim dizer-se que, con quanto Bessa-Luís tenha escrito parte de sua vida sob regime salazarista, a sua ficção não deixou, por isso, de ser atravessada por um certo *Zeitgeist* do século XX, no seio do qual a psique humana olhou para si mesma e se espantou com as próprias contradições. Com o engenho que lhe era peculiar, a escritora portuguesa soube projetar a realidade em que se encontrava para lá das paisagens humanas e geográficas presentes

\*Corresponding author: Mafalda Sofia Borges Soares, E-mail: mafalda.borges.soares@gmail.com

**Copyright:** © 2025 Author. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), allowing third parties to copy and redistribute the material in any medium or format and to remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially, provided the original work is properly cited and states its license.

nos seus escritos, tendo conseguido, graças a uma permeabilidade que conservou perante ideias vindas de fora, transformar Portugal em palco ideológico passível de contornar a filosofia do “orgulhosamente sós”. Ao abordar, adaptando-os ao contexto nacional, temas desconcertantes que percorriam as sociedades europeias novecentistas, Agustina espraiou o pensamento português para um cenário bem mais vasto do que o da sua condição histórica, tratando certos traumas através da resistência do seu espírito crítico.

Ora, este contacto de Agustina Bessa-Luís com a obra de Sigmund Freud é passível de ser confirmado por testemunhos familiares, por apreciações de críticos literários e pela presença de referências diretas ao psicanalista na ficção da autora, nomeadamente no seu livro *Doidos e amantes*<sup>1</sup>, de que mais à frente faremos menção. Como primeiro exemplo, tome-se a entrevista de Mónica Baldaque ao jornal *Público* no dia 12 de outubro de 2014. Quando a única filha da escritora declara que as relações familiares são o fio condutor da obra da mãe, a jornalista Anabela Mota Ribeiro conclui que esse *leitmotiv* justifica, seguramente, o fascínio agustiniano por Freud, acrescentando: “que leu, e a que voltou, recorrentemente, como quem lê um grande romancista” (Ribeiro, 2014). Mónica corrobora a veracidade destas palavras, dizendo: “Freud, Jung, devorava. Devorava e estudava” (Ribeiro, 2014). É ainda possível frisar a relevância dada a Freud num artigo publicado no semanário *Expresso* a 24 de março de 2018, em que a jornalista Ana Soromenho regista: “Através das salas silenciosas passam as estantes cheias de livros: Santo Agostinho, a obra completa de Freud, que Agustina leu como se fosse um romance devastador” (Soromenho, 2019). Um ponto, a nosso ver fulcral, retém-nos aqui a atenção: Bessa-Luís aborda o trabalho do doutor austríaco muito mais como *ficção* – ou melhor, como auxiliar para a ficção – e muito menos como instrumento de entendimento da sua psique ou de tendências psicológicas tidas por universais. Dito de outro modo: à escritora do Norte interessa, sobretudo, absorver na lição freudiana matéria para os seus livros: para a caracterização das personagens e para o retrato de determinado espírito de época. Este exercício de familiarização com o contributo freudiano – que se fazia com certa avidez – implicou não apenas uma leitura e releituras intensas, mas ainda uma aprendizagem atravessada pela sensação de um abalo: “Depois disto nada ficou intacto” (Soromenho, 2019) – terá pensado Agustina.

Pedro Mexia demonstra, por seu turno, numa entrada da obra coletiva *O cânone*, que Agustina gerou expectativas literárias de forma genial, podendo aperceber-se na sua arte uma inclinação para o “desaforo”, isto é, para a audácia de desenterrar um “mundo recalcado” (a expressão é de Mexia: cf. Feijó et al., 2020, p. 41). E complementa:

Que se citasse Freud em abono de um conhecimento do humano que lhe era muito anterior, mas a que ele veio dar força cosmopolita e mitológica, [...], isso era menos perdoável do que fazer do freudismo, mais à portuguesa, a chave estrangeirada de uma psique provinciana (Feijó et al., 2020, p. 42).

Quer isto dizer que Agustina não aplicou, *ipsis verbis*, as teorias de Freud à representação de um dado modo de vida português, tendo-lhe essas servido de base teórica para que a ficção sobre a complexidade humana se desenvolvesse – base que o próprio ato ficcional acabaria, em nosso entender, por superar.

1 “Não escreveu Freud que alguém que prometesse à humanidade livrá-la das provações do sexo seria acolhido como herói?” (Bessa-Luís, 2021, p. 24); “Devo dizer que nessa altura eu lia *A Interpretação dos Sonhos* de Freud, que passei a conhecer como homem de letras” (Bessa-Luís, 2021, p. 34); “Uns anos mais tarde Freud podia dar resposta a interrogações que os alienistas da época nem sequer formularam” (Bessa-Luís, 2021, p. 64); “O desejo é essa fronteira extrapsicológica em que Freud se deteve como limite das suas especulações” (Bessa-Luís, 2021, p. 73); “Nos famosos encontros de quarta-feira à noite, em casa de Freud, Maria Adelaide seria bem recebida” (Bessa-Luís, 2021, p. 227); “Freud deu um golpe definitivo na classificação da loucura quando disse que um neurótico era facilmente reconhecível [...]” (Bessa-Luís, 2021, p. 245).

Tendo sempre em conta a influência freudiana na criação literária de Bessa-Luís, o nosso artigo oferece como primeira proposta de trabalho a ideia de que os livros de Freud funcionaram, para a autora portuguesa, muito mais como incentivos para preencher vazios deixados pelo psicanalista e muito menos como modelos reproduzíveis em universo romanesco. No fundo, Sigmund Freud foi um dos mestres que a aprendiz Agustina Bessa-Luís, com uma irreverência que lhe era muito própria, destramente suplantou. Com efeito, ao passo que o pai da psicanálise “desistiu de entender as mulheres” segundo as suas próprias declarações, como o sublinha Agustina no seu *Dicionário imperfeito* (Bessa-Luís, 2008, p. 120), ela, por sua vez, mostrou-se infatigável na sua tentativa de compreender o comportamento de Maria Adelaide na obra que aqui analisaremos<sup>2</sup>. E – segunda hipótese de trabalho –, Agustina fê-lo mediante a exposição de fatores que não se limitavam à condição feminina *stricto sensu*, aludindo também a responsabilidades de quem rodeava Maria Adelaide, a particularidades históricas, a características humanas não dependentes do género<sup>3</sup>, a interesses relacionados com o dinheiro e com o poder. Noutros termos: Agustina retratou e justificou *aquela* mulher – e não *a* mulher em sentido por demais generalizador<sup>4</sup> – como ser inserido num espaço e num tempo muito precisos, agindo a favor, ou reagindo contra, esse espaço e esse tempo. Um ser que, por um lado, foi fruto de uma época e de um meio e que, por outro lado, anunciava já a decadência desses dois. Uma combinação, intrigante mas nem por isso contraditória, de submissão e de rebeldia.

O nosso trabalho contará com duas grandes partes. Num primeiro momento, mais factual, forneceremos dados sobre o contexto de produção do romance de Bessa-Luís e falaremos sobre os eventos reais que caracterizaram a existência de Maria Adelaide. Num segundo momento, mais analítico, exporemos as teorias de Freud sobre o feminino e a sua psicologia, para depois nos demorarmos nas motivações apontadas pela voz narrativa de *Doidos e amantes* para as atitudes de Maria Adelaide. Nesta ocasião,encionaremos provar que a visão de Agustina é mais completa, exatamente por ser mais complexa, ou seja, por não descontextualizar o comportamento de determinado indivíduo e por não procurar explicar o particular através de generalizações relativas ao género de quem executa as ações. Tratar-se-á, no fundo, de cumprir dois grandes objetivos: por um lado, sublinhar o facto de Agustina se ter deixado impregnar por influências extranacionais e, por outro lado, frisar a originalidade das respostas agustinianas perante dramas universais – neste caso, a vivência da paixão no feminino, a sua ambígua proximidade com a loucura, o seu enquadramento em determinada sociedade histórica e o que esse enquadramento traduz sobre um certo imaginário coletivo.

---

2 No seu prefácio à obra freudiana *La féminité*, Pascale Molinier corrobora a ideia, já avançada por Agustina, de que o doutor austríaco não conseguiu aprofundar a sua compreensão sobre o universo feminino, apesar de com ele ter convivido toda a vida. Com efeito: “Freud a passé sa vie à écouter des femmes. Et parvenu à la fin de sa vie, tout ce qu'il a à dire sur la féminité est « incomplet, fragmentaire », « pas toujours aimable non plus »” (Monilier, 2016, p. 14).

3 Tenha-se presente que, ao mencionarmos o termo “género” neste contexto, estamos a fazer referência ao papel que os indivíduos são chamados a desempenhar em determinada sociedade, papel esse que se encontra, ainda nos nossos dias, assaz dependente da realidade biológica/fisiológica/anatómica que esses indivíduos corporizam (o sexo).

4 Pascale Molinier não deixa, na verdade, de frisar as tendências generalizadoras de algumas conclusões freudianas contidas na obra *La féminité*: “Le titre lui-même fait frémir : *la féminité*, comme s'il n'y en n'avait qu'une, et éternelle !” (Molinier, 2016, p. 7).

## 2 Desenvolvimento

Anunciado o plano do nosso artigo, facultemos algumas informações sobre *Doidos e amantes*. Esta ficção foi inicialmente dada a conhecer ao público leitor sob forma de folhetim, no jornal *Independente*, entre 2001 e 2002, com o título *O Mistério da Légua da Póvoa*. Trata-se, aliás, de uma alusão a *O Mistério da Estrada de Sintra* de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, primeiramente concebido como uma série de cartas anónimas divulgadas no *Diário de Notícias* em 1870<sup>5</sup>. Em 2005, o folhetim de Agustina seria publicado pela Guimarães Editores em volume, tendo-lhe sido dado o título *Doidos e amantes*. Já em 2021, dois anos após a morte de Bessa-Luís e tendo os direitos da autora sido cedidos à Relógio d'Água em 2016, saía uma reedição do livro pela editora de Francisco Vale, com prefácio de Mário Cláudio.

Em *Doidos e amantes*, é questão do escandaloso<sup>6</sup> e verídico caso de Maria Adelaide Coelho da Cunha, filha de Eduardo Coelho, fundador do *Diário de Notícias*. Esposa de Alfredo da Cunha (poeta e herdeiro da direção do jornal por via do casamento com Maria Adelaide em 1890), esta decide, a 13 de novembro de 1918, trocar marido e filho por uma (suposta) paixão pelo antigo motorista, Manuel Claro. Abandonando riqueza e estatuto social para abraçar uma condição bastante modesta, Maria Adelaide – cujo nome a própria acabaria por modificar para Maria Romana Claro<sup>7</sup> – foi encontrada onze dias depois numa casa em Santa Comba Dão. Acompanhado por médicos alienistas, Alfredo da Cunha internou a mulher no hospital psiquiátrico do Conde de Ferreira. Quis-se, mais tarde, abrir um processo passível de comprovar a “loucura lúcida” de Maria Adelaide, o que permitiria a Alfredo da Cunha desfrutar plenamente do seu direito de tutor e vender o *Diário de Notícias* sem o consentimento da esposa. Personalidades como Júlio de Matos, José Sobral Cid e António Egas Moniz apontavam, consensualmente, para uma perturbação nervosa cuja raiz se encontraria nas transformações próprias do período da menopausa. Libertada a 9 de agosto de 1919, mas vivendo escondida, Maria Adelaide começou a publicar alguns textos desvendando detalhes infelizes do seu internamento e defendendo-se da injustiça operada contra si. Ter-se-ia, contudo, de esperar pelo ano de 1944, depois da morte de Alfredo da Cunha, para que a “loucura” de Maria Adelaide fosse, por fim, negada<sup>8</sup>.

Estes são, pois, os factos históricos que serviram de pano de fundo para a escrita de Agustina. Concentremo-nos agora na análise da obra em apreço. O romance *Doidos e amantes* inicia-se com um enterro: o velório de Francisco Freire – amiúde designado como

5 Em *Doidos e amantes*, é mesmo possível ler algumas referências à obra de Eça e de Ramalho Ortigão, sendo esta uma outra intertextualidade assumida pela narradora: “Posto isto, eu tive que reler *O Mistério da Estrada de Sintra*. [...] Maria Adelaide tinha lido isto, de certeza” (Bessa-Luís, 2021, p. 101); “Lisboa estava cheia de Fradiques que conspiravam. Ela não ia para Malta, ia para Santa Comba, mas podia exclamar como a condessa d’*O Mistério da Estrada de Sintra* [...]” (Bessa-Luís, 2021, p. 117); “O Manuel foi despedido e o doutor Alfredo da Cunha levou dois dias a matutar onde tinha lido aquilo. Era d’*O Mistério da Estrada de Sintra*” (Bessa-Luís, 2021, p. 162).

6 Mário Cláudio também recorda, no seu prefácio à obra agustiniana, o escândalo desencadeado pelo caso de Maria Adelaide: “Pela mesmíssima tesoura doméstica e universal se talharia *Doidos e Amantes*, discurso tão encantado da irreverência como escandalizado com ela, e que retrataria um Portugal em transição, a viajar da permissividade hipócrita, mas colorida, da monarquia, à austeridade não menos hipócrita, mas cinzentíssima, da república?” (Cláudio, 2021, p. 8).

7 “Perseguida e encontrada pela segunda vez, agora na aldeia de Roção [...], Maria Adelaide deu-se por vencedora e descansou. Dava pelo nome de Maria Romana e vestia-se como uma lavradeira. [...] [Alfredo da Cunha] Levou-a outra vez para o manicómio” (Bessa-Luís, 2021, p. 217).

8 Atenta aos *leitmotive* da obra agustiniana, Catherine Dumas alerta para a frequente associação da loucura, da mística e da santidade ao universo feminino, sendo a linha que separa e diferencia estas qualidades assaz fluida e, por vezes, ambígua (cf. Dumas, 2022, p. 10).

“o Freirão” –, o qual havia revelado certos pormenores sobre a história de Maria Adelaide à nossa narradora anónima<sup>9</sup>, que partilha sérias parecenças com Bessa-Luís, entre as quais se contam a direção do teatro D. Maria II e a amizade com José Régio. Ora, a morte de Francisco Freire (o qual não escondia a sua crença na loucura de Maria Adelaide<sup>10</sup>), se, por um lado, parece deixar ininterrupto o fio condutor do caso de Maria Adelaide, por outro lado, incita a narradora a averiguar esse caso, não já à luz das palavras do amigo, mas antes de acordo com a própria interpretação das informações que vai recolhendo. Esta é, não por acaso, uma das sentenças inaugurais da obra agustiniana: “*Toda a obra escrita é a expressão dum conhecimento limitado. Mas todo o conhecimento limitado está aberto a novas particularidades, até que se apresente a súbita vontade de não ir mais longe*” (Bessa-Luís, 2021, p. 15). Para mais tarde se afirmar: “Ir mais longe nas nossas divagações parecia-me perigoso. Mas o caso não estava encerrado” (Bessa-Luís, 2021, p. 24). Há, nestas citações, uma clara vontade de revisitar uma história mal contada; e ei-la, por fim, entreaberta: a porta que conduz à investigação. Sublinhe-se ainda que a narradora se encontra, várias vezes, em desacordo com o seu amigo Freire, chegando a considerar a sua ajuda como um obstáculo à averiguación da verdade. Tomem-se como exemplos os seguintes excertos: “O que faz de si meu amigo verdadeiro é que inventa todas as maneiras de me contradizer. Obriga-me a pensar e dar luta” (Bessa-Luís, 2021, p. 144); “Se eu falasse destas coisas ao meu amigo Freire, ele havia de fazer o possível para não entender” (Bessa-Luís, 2021, p. 172); “É certo que as conversas com o Freire não me serviam de muito para desvendar as absurdas campanhas de Maria Adelaide” (Bessa-Luís, 2021, p. 173). Para além disso, não deixa ainda de ser curiosa esta afirmação da narradora: “Posto o leitor de sobreaviso, de que as minhas conversas [com Francisco Freire] possam ser imaginárias [...]” (Bessa-Luís, 2021, p. 160). Representará o Freirão, tão-somente, uma alegoria de um discurso dominante contra Maria Adelaide? Será ele uma representação literária de determinado espírito da época? Note-se ademais que, por vezes, os discursos de Francisco Freire e da narradora se entranham, sendo difícil para o leitor saber diante de que opinião se encontra – o que reforça um traço característico da estética agustiniana: a sabedoria do paradoxo e a confrontação dos contrários, a fim de se evitar a cristalização de uma verdade por demais redundante.

Mário Cláudio não deixa, aliás, de frisar o importante contributo do discurso de Freirão para o desenrolar imaginativo da história. Com efeito:

E Freirão serve para contestar com verve incansável as intuições da narradora, fornecendo-lhe asas e asas à imaginação. Ele corresponde em suma à única verdadeira inventiva que Agustina Bessa-Luís opera neste enredo, visto os restantes intervenientes, e a começar pela réproba, serem engendradores automáticos da responsável pela acção, isto porque sem eles jamais teria ela ocorrido (Cláudio, 2021, p. 10).

É pela contraposição e pela rebeldia que a voz agustiniana vai tecendo a sua trama romanesca, a qual se materializa numa espécie de dinâmica dialética hegeliana da tese instituída (simbolizada por Francisco Freire) e da antítese ousada (assumida pela narradora) com vista a

9 “O Freirão tinha-me posto ao corrente da história duma mulher a que ele chamava a Infanta e que causara no tempo dela um alvoroço de paixões que não tinham nada que ver com sentimentos recreativos como o amor. [...] Para ele, a Infanta era um desses mitos de algibeira que abundam na sociedade, que a iluminam como uma candeia de azeite em dia claro. Não se dá por ela, mas existe, dá calor e, se se apagasse, acontecia alguma coisa de arrepiante e fatal: a emoção desaparecia. A emoção, dizia Francisco Freire, era o melhor tesouro dos portugueses” (Bessa-Luís, 2021, p. 19).

10 “Penso que ela era realmente doida e influía na razão dos outros. [...] Penso que ela era absolutamente má e que o sabia. Não tinha nada para dar à criação, não amava nada no mundo” (Bessa-Luís, 2021, p. 21); “Está visto que o meu amigo Francisco Freire não acreditava numa palavra proferida (dita, é melhor) pela Maria Adelaide” (Bessa-Luís, 2021, p. 155).

uma síntese que, à boa maneira de Agustina Bessa-Luís, não desemboca nunca numa só verdade.

Veja-se, ademais, que a investigação possibilitada pelo falecimento de Francisco Freire pretende abordar temas menorizados em benefício da loucura, de entre os quais se conta o amor<sup>11</sup>. Assim se determina, desde o início, o tom que percorrerá esta ficção: ela será espaço de interrogações e oportunidade para sugerir hipóteses ainda não colocadas em cima da mesa. Não deixa, também, de ser surpreendente o facto de a narradora dizer que andava a ler *A Interpretação dos Sonhos* na mesma altura em que se debruçava sobre a vida de Maria Adelaide. Isto vem, não apenas intensificar as parecenças entre a voz narrativa e a figura autoral – que partilham as mesmas leituras –, mas ainda confirmar o facto de Freud ser, no universo agustiniano, uma referência literária de peso e uma intertextualidade ficcional assumida<sup>12</sup>.

Avancemos agora para a breve exposição de algumas asserções freudianas relativamente à condição feminina. Sigmund Freud é autor do célebre conceito a que deu o nome de “complexo de Édipo”, o qual explicaria uma fase relevante da maturação psicossexual dos indivíduos durante a infância. Ora, na sua obra *La féminité*, o psicanalista sublinha o facto de os complexos de Édipo da menina e do menino serem distintos. Com efeito, ainda que a mãe se assuma como primeiro objeto amoroso nos dois casos, o menino conserva esse objeto, ao passo que a menina o abandona, substituindo-o pelo pai<sup>13</sup>. Este abandono dá-se, segundo Freud, quando a menina encara a sua diferença anatómica relativamente ao menino. Esta descoberta instaura aquilo que Freud designa como ferida narcísica<sup>14</sup>, à qual a menina acaba por reagir alimentando o desejo compensatório de ter um filho. Como consequência desta vontade, o pai surge como novo objeto amoroso, tornando-se a mãe em temida rival<sup>15</sup>. É de ressaltar que, como no-lo recorda Pascale Molinier no seu prefácio à obra freudiana *La féminité*, esta “ferida narcísica” decorrente da consciência de uma distinção anatómica terá muito mais a ver com as regalias a que essa distinção parece estar associada<sup>16</sup>.

Já em *Psychologie de la vie amoureuse*, Freud avança com a teoria de que o sentido de interdito estaria intimamente ligado ao desejo feminino do mesmo modo que a necessidade de

11 “Aproveitando a morte do meu amigo Freire, que ocorreu em Novembro dos anos 60, senti-me mais à vontade para falar dum assunto praticamente impossível de se divagar sobre ele com um homem. O assunto é o amor” (Bessa-Luís, 2021, p. 189).

12 Freire é, na verdade, o referente literário do escritor português Tomaz de Figueiredo (1902, Braga – 1970, Lisboa). Foi graças a esta personalidade que Agustina Bessa-Luís contactou, pela primeira vez, com o caso de Maria Adelaide. Esta informação é, aliás, confirmada por Mário Cláudio no seu prefácio à obra: “De um letrado autêntico, e de alto coturno, Tomaz de Figueiredo, colheria entretanto o mencionado Freirão o mais saliente da sua índole, e da sua idiossincrasia” (Cláudio, 2021, p. 10).

13 “Le complexe d’Œdipe de la petite fille recèle un problème de plus que celui de l’enfant. Au commencement, la mère était pour l’un comme pour l’autre le premier objet ; nous n’avons pas à nous étonner que le petit garçon conserve cet objet pour le complexe d’Œdipe. Mais comment la petite fille en vient-elle à l’abandonner et à prendre, à la place, le père pour objet ?” (Freud, 2016, p. 94).

14 “Avec la reconnaissance de sa blessure narcissique s’installe chez la femme – comme une sorte de cicatrice – un sentiment d’infériorité” (Freud, 2016, p. 97).

15 “Il n'est pas besoin d'aller bien loin pour le trouver, cet élément : il faudrait qu'il s'agisse de la vexation narcissique liée à l'envie du pénis, de la mise en garde sur le fait que l'on ne peut tout de même pas rivaliser sur ce point avec le petit garçon, et qu'il vaut donc mieux s'abstenir d'entrer en concurrence avec lui. [...] Elle abandonne le souhait du pénis pour le remplacer par le souhait d'un enfant, et prend *dans cette intention* le père comme objet d'amour. La mère se transforme en objet de jalouse, la petite fille est devenue une petite femme” (Freud, 2016, pp. 101–102).

16 “Pour autant qu’elle existe, l’envie du pénis n’aura de sens qu’en référence à la place occupée par la différence anatomique des sexes dans l’ordre du genre, c’est-à-dire dans un système social de pratiques, discours et représentations qui toujours précède la perception de l’anatomie” (Molinier, 2016, p. 29).

depreciar o objeto sexual seria uma tendência do desejo masculino<sup>17</sup>. Devendo a mulher dar mostras de abstenção durante mais tempo do que o homem – e sendo a expressão da sua sexualidade mais retardada –, a sua sensualidade entregar-se-ia mais facilmente ao fantasma, o qual se veria acompanhado por um sentimento de proibição<sup>18</sup>. Pode, por isso, acontecer, na ótica freudiana, que o ato sexual fique associado, no caso da mulher, a uma ideia de transgressão<sup>19</sup>.

Ainda que estas alegações possam parecer-nos obsoletas nos dias de hoje<sup>20</sup>, a verdade é que o próprio doutor Freud estava ciente das limitações a que as suas conclusões estavam sujeitas. Não era raro que intervalasse as suas reflexões com ressalvas sobre a influência social e cultural a que o comportamento feminino estaria subordinado<sup>21</sup>, chegando inclusive a afirmar:

Mais n’oubliez pas que nous n’avons décrit la femme que dans la mesure où sa nature est définie par sa fonction sexuelle. Cette influence va certes très loin, mais gardons à l’esprit qu’en tant qu’individu, la femme peut aussi être une créature humaine d’une autre manière. Si vous voulez en savoir plus sur la féminité, interrogez vos propres expériences de vie, adressez-vous aux poètes ou attendez que la science puisse vous fournir des renseignements plus profonds et plus cohérents (Freud, 2016, p. 182).

Sigmund Freud reconheceu a necessidade de considerar a mulher a partir de outros prismas, dando grande relevo ao contributo dos poetas nesse campo e admitindo a incompletude do seu estudo. E é, portanto, neste contexto de necessidade de suprir uma incompletude que entra a nossa Agustina.

Ao longo do livro *Doidos e amantes*, múltiplas são as razões apresentadas pela voz narrativa – que ora exprime opiniões correntes por intermédio do Freirão, ora as refuta e/ou complementa com outros argumentos – para explicar a decisão de Maria Adelaide. Organizaremos essas razões em quatro categorias, a saber: o casamento, a condição social, a época histórica e a vertente psicológica.

Comecemos, então, por analisar as características do casamento de Maria Adelaide e de Alfredo da Cunha: ambos viviam num ambiente de grande fausto, recebendo com frequência a elite intelectual e política da altura. Levavam uma vida social bastante intensa, e Maria Adelaide não raro se entregava à encenação de peças de teatro e à declamação de poesia. No entanto, este clima exageradamente pomposo não estava de acordo com os valores de Maria Adelaide: “Para uma infanta criada na doçura da família, «bendita entre as mulheres» da casa beirã, que funciona

17 “Il me semble qu’il faille mettre la condition de l’interdit dans la vie amoureuse féminine au même niveau que le besoin de rabaisser l’objet sexuel chez l’homme” (Freud, 2010, pp. 61–62).

18 “Mais le fait qu’elle s’abstienne longtemps de la vie sexuelle et que la sensualité demeure cantonnée au domaine du fantasme a pour elle une autre conséquence significative. Il arrive souvent qu’elle ne puisse plus défaire le lien entre l’activité sexuelle et l’interdit” (Freud, 2010, p. 61).

19 Curiosamente, Celeste Malpique ressalta, no seu artigo, a tendência da prosa de Agustina Bessa-Luís para abordar a transgressão no feminino em associação com o ato amoroso: “Os casamentos são por conveniência e a ligação amorosa tem, à época, um cariz transgressivo, tanto mais apaixonado quanto proibido. Essa proibição tanto pode ser um obstáculo concreto e externo, conhecido e agido, como pode ser mais uma inibição interna, um desejo imaginário que jamais é satisfeito e leva a uma procura compulsiva. Esse sentimento de fascínio e de atracção insuperável pode dar-lhe um cunho de fatalidade” (Malpique, 2019, p. 82).

20 Pascale Molinier sublinha, precisamente, a desadequação das teorias freudianas relativamente aos tempos que correm: “La place des femmes dans la société, les sexualités, les familles, tant de choses ont changé depuis Freud que nous ne partageons plus tout à fait le même arrière-plan culturel. Beaucoup de gens, y compris parmi les psychanalystes, pensent qu’il vaudrait sans doute mieux oublier ses textes sur la féminité. Leur épistémologie est désuète, inscrite dans l’anthropologie, la sexologie, la biologie ou la physiologie d’un autre temps” (Molinier, 2016, p. 7).

21 “Nous devons toutefois prendre garde, en l’occurrence, à ne pas sous-estimer l’influence des organisations sociales qui poussent elles aussi la femme dans des situations passives” (Freud, 2016, p. 149).

como um consulado, o luxo, a ostentação e o prazer da aparência deviam parecer insuportáveis” (Bessa-Luís, 2021, p. 25). Mas não se tratava somente de um problema exterior: o próprio marido representava, para Maria Adelaide, um afastamento relativamente ao seu foro mais íntimo, pelo que Manuel Claro se lhe apresentou como alguém mais próximo da configuração da sua interioridade: “Maria Adelaide via que a personalidade aprendida do marido alienava os sentimentos íntimos. Foi quando reparou em Manuel Claro, um rapaz da serra, ainda capaz de se comover com as coisas simples, como o amor” (Bessa-Luís, 2021, p. 168).

Este apreço conferido ao amor – deixado completamente de parte pela opinião pública, pela família e pelos alienistas nas suas justificações sobre o caso de Maria Adelaide – é, no romance de Agustina, uma possibilidade de peso. E, num pensamento visionário sobre a situação psicológica da mulher, a presença narrativa eleva a falta de afeto a causa recorrente de matrimónios fracassados, com consequências que chegam a ser de ordem social:

Mas o estado psíquico da mulher de ontem e de hoje continua a ser o mesmo: a carência afectiva é responsável pelos inúmeros transtornos sociais que não podem ser produzidos pela acumulação de um azar – um casamento malparado. Carência afectiva é uma catástrofe social. [...] Um considerável número de mulheres amorosas não merecem o nome de libidinosas (Bessa-Luís, 2021, p. 59).

A nossa narradora anónima coloca aqui o dedo na ferida: aquilo que se tem amiúde por doença ou desvio é, na verdade, bem mais benevolente do que se pensa; pelo que a tessitura narrativa acabará por desembocar num ponto de vista inovador sobre o caso de Maria Adelaide:

Quando se analisa o procedimento duma mulher, raramente se tem em conta a bondade. Desde tempos antiquíssimos que a mulher é descrita como sendo por natureza maliciosa. [...] A natureza feminina tende para a bacante; mas o seu espírito prático aproxima-se de tudo o que protege as suas funções curativas, a de mãe e a de irmã. Maria Adelaide passou a grande parte da vida revestida desse segundo quadro. Foi menina exemplar, jovem deliciosa, mulher prendada e útil. Até ao dia em que a bacante acordou, dia de transferência de valores e de grande desordem emocional [...] (Bessa-Luís, 2021, p. 111).

No fundo, ela não enlouqueceu, apenas deixou emergir uma tendência sua esquecida – dir-se-ia mesmo recalculada – por intermédio da educação, que privilegiava o espírito prático em detrimento da natureza. Em boa verdade, defende-se, em *Doidos e amantes*, que Maria Adelaide se confiou a um conhecimento de outro teor, desta feita não ensinado, sendo esse tipo de conhecimento designado como “revelação da bondade”<sup>22</sup>. E essa iluminação, se para a própria surge com a força de uma evidência e como uma libertação, é tida por terceiros como incompreensível, o que faz com que a loucura – a obediência a motivos incompatíveis com os padrões comportamentais instituídos – apareça como única justificação viável<sup>23</sup>. A corroborar esta linha de pensamento, pode ler-se no *Dicionário Imperfeito* de Agustina: “[...] há uma loucura que pode ser catalogada pelos médicos e os psiquiatras, aquilo que pode pertencer a toda uma condição humana que será uma desinibição [...]” (Bessa-Luís, 2008, p. 172). Quando determinados limites são, de repente, levantados graças à sublevação de uma liberdade individual, o colectivo não raro se apressa a catalogar essa liberdade de “desviante”.

22 “E se tudo isto fosse efeito dum conhecimento particular vinculado à sua educação? Um conhecimento novo veio substituir tudo o que tinha aprendido mas que de certo modo a limitava. Uma afectividade lírica, que não se podia relacionar com o amor, veio iluminar-lhe a vida. Ela teve a revelação da bondade” (Bessa-Luís, 2021, p. 192).

23 “Alguém a quem a bondade se apresenta como uma lei da ação torna-se ininteligível para o mundo sensível. Francisco Freire olhou para mim e parecia que não me prestava atenção. Lançou pelas narinas uma nuvem de fumo, como os dragões antigos” (Bessa-Luís, 2021, p. 192).

Temos aqui obrigação de salientar o seguinte: apesar de Freud se ter cingido ao entendimento – algo fragmentário – da mulher como ser sexual, como o próprio confessa, ele nem por isso deixou de mencionar a ternura, parente da bondade e da afeição, como traço a considerar: “La femme ne retrouve sa sensibilité à la tendresse que dans un rapport non autorisé qu'il faut tenir secret, le seul cadre où elle soit certaine d'agir selon sa propre volonté et hors de toute influence” (Freud, 2010, p. 93). Esta passagem freudiana parece, aliás, coadunar-se com a história de Maria Adelaide e Manuel Claro: é na fuga e na consecutiva construção de um espaço proibido pelos usos e costumes, ainda assim ao abrigo de todo e qualquer olhar censório, que Maria Adelaide desenvolve a vertente afetiva da sua personalidade.

Dois outros motivos vêm à tona no discurso narrativo para a fuga de Maria Adelaide: por um lado, o facto de Alfredo da Cunha ter arranjado uma amante mais duradoura (uma vez que já se conheciam as suas conquistas, efémeras, anteriores<sup>24</sup>) e, por outro lado, o facto de ter composto um soneto dedicado à mulher falando da sua idade<sup>25</sup> – ecos longínquos de um doutor Freud dirigindo-se à sua filha com a expressão “minha velha<sup>26</sup>”. Do ponto de vista agustiniano, é questão, nos dois casos, de compensar ou manifestar um sentimento de humilhação. Não deixa de ser irónico o facto de a voz narrativa acusar, num primeiro momento, Alfredo da Cunha de estar louco (numa espécie de efeito de espelhamento das recriminações de que Maria Adelaide foi vítima), para depois concluir que o soneto foi criado como forma de vingança, atendendo à consciência que tinha da dependência financeira que o unia à mulher. Quanto a Maria Adelaide, tanto o soneto quanto a amante instauraram nela a incómoda sensação de estar a envelhecer<sup>27</sup>.

Atentemos agora nas razões atinentes ao estatuto social. O facto de Maria Adelaide ser uma senhora rica é também descrito como fator determinante, uma vez que a riqueza lhe conferia certo grau de liberdade e de à-vontade para se entregar a dadas escolhas. Ainda que essa riqueza pudesse, por vezes, estar associada a uma vaidade sem escrúpulos – o que terá levado, no parecer de Francisco Freire, Maria Adelaide a romper o noivado de Alfredo da Cunha com outra mulher com o fim de ser ela a sua esposa<sup>28</sup> –, a verdade é que a fortuna da protagonista acaba por ser mais condição de possibilidade para o exercício do seu livre-arbítrio e menos elemento de uma suposta corrupção moral. A página tantas, a nossa narradora assevera que Maria Adelaide não era louca, mas sim determinada – pois sabia o que queria –, atitude que, no meio social em que estava inserida, não raro se tomava convenientemente por loucura<sup>29</sup>. Em artigo

24 “Ele [Alfredo da Cunha] conquistava as mulheres, os seus casos eram conhecidos e até tolerados; até ao dia em que, dum momento para o outro, como essas coisas acontecem, Maria Adelaide teve uma revelação: tinha uma rival. [...] Mas, de repente, tudo se modifica, altera-se o humor, desfigura-se o coração. Quem era doce e pacífica torna-se fria e arrebatada. Quem se mostrara leal e condiscendente afia as garras de leão” (Bessa-Luís, 2021, p. 48).

25 “Aos quarenta e quatro anos de sua mulher, o doutor Alfredo da Cunha cometeu uma imprudência. Dedicou-lhe um soneto [...]. Este homem é louco. E, se não é louco, vinga-se. De quê, senão de vinte e tantos anos de dependência [...]” (Bessa-Luís, 2021, p. 48).

26 Podem ler-se as seguintes declarações agustinianas numa entrada do *Dicionário Imperfeito* sobre Sigmund Freud: “Denuncia que desistiu de entender as mulheres quando, na correspondência com Ana, a trata «carinhosamente» de *minha velha*. Está completamente derrotado e sente essa humilhação tentando partilhá-la, como faz sempre” (Bessa-Luís, 2008, p. 120).

27 “Durante muitos anos brincara à menina prendada, seduzira toda a gente, fora namorada dos salões. Subitamente, tivera um rebate, quando viu que estava no limiar da velhice” (Bessa-Luís, 2021, p. 136).

28 “Não é de estranhar que, posta [Maria Adelaide] perante um homem de futuro, já preso nos laços dum noivado que não era insignificante, Adelaide sentisse o arrebatado desejo de ser ela a escolhida, se não a amada. O amor conta pouco na carreira dos vaidosos” (Bessa-Luís, 2021, p. 40).

29 “Pode-se dizer que nas pessoas que são acometidas por um desejo imparável de praticar algo de proibido se acentuam a serenidade e a lucidez. Maria Adelaide não estava louca, mas estava determinada, o que, com a sua educação e antecedentes de mulher burguesa e bem-conceituada, tem pontos que se confundem com a loucura” (Bessa-Luís, 2021, p. 57).

publicado no *Diário de Notícias*, a 10 de setembro de 2020, sobre o passado de Maria Adelaide, Maria João Caetano confirma, citando Adrian Gramary, psiquiatra do Hospital Conde de Ferreira:

O caso de Maria Adelaide não foi um caso isolado, já que nessa época era relativamente frequente o internamento psiquiátrico das filhas descarriladas da burguesia e da aristocracia. Este procedimento constituía uma forma de punição que era vista como adequada perante comportamentos considerados desviantes entre os quais se incluíam os relacionamentos com indivíduos pouco recomendáveis ou de classe inferior (Caetano, 2020).

Dediquemo-nos, desta feita, à época histórica. Diz-nos a voz narrativa a esse propósito:

É possível mas não recomendável que se observe um caso de foro privado duma pessoa sem ter em conta os acontecimentos da época. O que se passou com Maria Adelaide Coelho da Cunha não podia ser estranho ao tempo político, que foi conturbado e cheio de peripécias de algum prodígio (Bessa-Luís, 2021, p. 91).

Para além de o romance agustiniano não se ater à análise da sexualidade feminina e dos seus “enigmáticos” caminhos, aquele alarga a explicação de um fenómeno humano à sua pertença a determinado espaço temporal. Em breves palavras: tudo quanto envolve os indivíduos tem sobre eles uma ação que não é de negligenciar. Ora, o fundo histórico sobre o qual Maria Adelaide se move é o da primeira República, tendo a protagonista assistido, em 1918 (ano da sua fuga), ao assassinato de Sidónio Pais<sup>30</sup>. Estando Portugal a passar por um clima de extrema instabilidade política – entenda-se: assistindo o país ao ruir das suas próprias instituições –, não é de estranhar que essa vulnerabilidade sentida no panorama coletivo se viesse espelhar no panorama individual das relações conjugais. Outra consequência deste efeito de reverberação do panorama coletivo nas ações individuais foram as frequentes ausências de Alfredo da Cunha. Com efeito, este destinava mais tempo à causa política, o que provocava a alienação do marido e um agravamento da carência afetiva da mulher<sup>31</sup>. O facto de o esposo ser mais dedicado à evolução dos acontecimentos externos do que aos problemas do lar foi a derradeira gota num vaso cuja água há muito estava para transbordar. Para além do mais, esse período histórico conturbado teve a sua interferência na atenção dos médicos alienistas que se consagravam à causa política<sup>32</sup>: o caso de Maria Adelaide foi, na realidade, tratado com demasiada ligeireza e rapidez, atribuindo-se-lhe uma só causa biológica (a menopausa) e deixando-se de parte quaisquer outros fatores de ordem diversa.

Finalizemos a exposição dos argumentos agustinianos com a ponta que a aproximará – e que, concomitantemente, a distinguirá – da abordagem de Freud: a da vertente psicológica. Em boa verdade, a voz narrativa não raro alude a termos nitidamente tocantes à psicanálise, como sejam “inconsciente”, “sublimação<sup>33</sup>” ou “repressão<sup>34</sup>”. Avança-se, aliás, a hipótese de Manuel

30 “Há greves, assaltos, pilhagens, e é nessa altura que o comportamento de Maria Adelaide se modifica. [...] Tudo isto é coerente, porque Lisboa está a saque” (Bessa-Luís, 2021, p. 105).

31 “O período da revolução fora o último golpe no casamento. Ela sentia-se enganada, não em proveito de outra mulher, mas duma aventura doutro teor, a aventura política. As mulheres reconhecem que é a essa área que os homens destinam uma fidelidade para além do discurso” (Bessa-Luís, 2021, p. 109).

32 “Os médicos alienistas, que pouca atenção prestaram à paciente, porque a ocasião era de grande convulsão política em que eles próprios estavam envolvidos, remataram o diagnóstico de maneira sucinta, atribuindo a Maria Adelaide uma alteração mental devida à menopausa” (Bessa-Luís, 2021, p. 167).

33 “[...] Maria Adelaide obedecia a um desejo de sublimação. Tendo passado muitos anos junto dum marido a quem se recusava por razões de ordem estética, por recear que ela lhe repugnasse, chegara a um ponto em que as mulheres são extraordinariamente inventivas” (Bessa-Luís, 2021, p. 75).

34 “Não como amante, o caso de Maria Adelaide é funcionalmente um caso à Clarissa Horlone, de virtude descompensada, e, se há uma paixão doentia, é por um homem. Digo doentia porque a repressão dos seus

Claro simbolizar para Maria Adelaide uma espécie de recuperação do passado, mergulhando-a numa disposição emocional passível de fazer surgir movimentos instintivos oriundos do inconsciente<sup>35</sup>. Em primeiro lugar, Manuel Claro lembra-lhe um amor de juventude<sup>36</sup>, o que ocasiona a reemersão de uma imagem remota no tempo; mas o mais curioso é o facto de o seu antigo *chauffeur* se apresentar com o seu próprio pai quando era mais novo<sup>37</sup>. As dificuldades financeiras e sociais a que o motorista fazia face equiparavam-se à situação inicial de Eduardo Coelho, retinindo como reflexos de um tempo perdido e vagamente reencontrado. No fundo, a paixão segundo Agustina Bessa-Luís tem origem na capacidade que certas pessoas exibem para reavivar referências sentimentais quase caídas em esquecimento, mas ainda assim constitutivas do cenário inconsciente, involuntário, de quem se apaixona. Como afirma a autora no seu *Dicionário Imperfeito*:

Nós, as mulheres, o que nos faz amar um homem é aparentá-lo com tudo o que amamos – o tempo da crise, da puberdade, da gestação, do enigma; os primeiros rostos, as primeiras carícias, os primeiros medos (Bessa-Luís, 2008, p. 17).

Dito de outro modo: o amor no feminino desencadeia-se, segundo Agustina, por via dos mecanismos da anamnese – e, possivelmente, por via dos mecanismos da anagnórisse –, formando-se a partir de ecos distantes presentes num qualquer recanto interior. Mas a teoria agustiniana sobre a importância da figura paterna toma proporções mais complexas do que as apresentadas até agora. Por um lado, o amor paterno vem descrito como reino para o qual se almeja voltar – frisando, a palavra reino, determinado poderio e determinada predominância que exercem influência sobre Maria Adelaide, chegando esta a desculpar dadas lacunas na vida do pai. Por outro lado, o avançar dos anos pode engendrar uma instabilidade que, longe de ser loucura, se apresenta como “lesão nervosa” (a expressão é do livro). Esta teria por base, na ótica agustiniana, laços forjados durante a infância, com ligação dúbia à sexualidade, nem sempre suscetíveis de serem enquadrados pelas normas sociais – ideia que partilha as suas parecenças com as asserções do doutor Freud<sup>38</sup>. Note-se, contudo, que no universo de Agustina, a figura paterna é bem mais dual do que se crê, visto que é, não somente um modelo para o qual se tende, mas que indiretamente também se rejeita – o que inaugura uma novidade perante o célebre complexo de Édipo feminino. Se Manuel Claro encarna o pai como corajoso lutador

---

sentimentos e da sua líbido fez com que se criasse um monstro de desejo em tudo o que ela tocava” (Bessa-Luís, 2021, p. 149).

35 “Prefere-se deixar os problemas por resolver, porque atingir as camadas primordiais do inconsciente é, ou supõe-se ser, extremamente perigoso. Quando essa lava espessa e aparentemente inactiva é despertada, dá-se a transformação da personalidade. [...] A rara natureza de Maria Adelaide só podia ser explicada como uma predisposição para o irracional, que ombreia com o milagre” (Bessa-Luís, 2021, p. 71).

36 “Todo o estado emocional produz uma diminuição do nível mental, que na filha de Eduardo Coelho era superior. Daí que a redução da consciência provoque a intensificação do inconsciente. Tratando-se de um afecto forte, como o que se declarou por Manuel, a consciência cai sob a influência dos padrões instintivos. Para explicar a sua paixão por Manuel, a mulher do doutor Alfredo da Cunha socorre-se dumha imagem esquecida, a dum namorado da sua juventude reproduzido na presença casual do seu *chauffeur*. Um acontecimento temporalmente remoto pode estimular o nascimento de uma imagem correspondente” (Bessa-Luís, 2021, p. 56).

37 “Primeiro, ela viu em Manuel, pobre e de vida atribulada, uma imagem da juventude de Eduardo Coelho” (Bessa-Luís, 2021, p. 104).

38 “A multiplicidade de relações que desde a infância se vivem e que são uma fonte de confusões sexuais, de medos específicos que as limitações impostas pela sociedade nem sempre conseguem manter à distância, causa, com as crises de idade, verdadeiras lesões nervosas. O amor pelo pai, Eduardo Coelho, honrado, lutador, bem-sucedido, com certos hiatos na vida que Maria Adelaide não ousa interrogar, torna-se condutor dum desequilíbrio que não se pode confinar na loucura. É uma mulher inteligente, séria, culta, que se volta para o amor do pai como para um reino a que ela quer voltar” (Bessa-Luís, 2021, p. 156).

perante a pobreza e como virtuoso conquistador do seu destino, já Alfredo da Cunha corresponde ao homem com sucesso adquirido, com posição estabelecida, o que em Maria Adelaide se traduz numa pesada responsabilidade de sucessão<sup>39</sup>. Assim sendo, enquanto arquétipo – ou seja, enquanto exemplo inatingível e a que tão-só se tem acesso por intermédio da memória –, o pai é adorado; mas enquanto realidade a ser continuada, seguida à regra, esse mesmo pai torna-se lei perante a qual a rebeldia feminina se impõe. Em consequência, Agustina introduz uma inédita versão do complexo de Édipo: não estamos já perante a separação entre o objeto amoroso (o pai) e o objeto rival (a mãe), mas sim na ambivalência de uma mesma figura que, ao projetar-se noutras pessoas e noutras relações, ora inspira (tornando-se motivo de paixão), ora repele (tornando-se motivo de rebeldia).

A presença narrativa anuncia ainda a eventualidade de Maria Adelaide não ter chegado a completa maturidade devido ao imenso amor que a unia ao pai e que a mantinha numa posição de criança. Ora, sendo as crianças amiúde atraídas por uma noção de liberdade de tipo errante, ao crescerem, podem conservar essa vontade de amar sem amarras<sup>40</sup>. Por conseguinte, a ascensão social do pai – e o seu decorrente encadeamento na figura do marido – é vivida como um abandono desse ideal nómada pueril –, abandono esse que poderá vir substituir a “ferida narcísica” freudiana na explicação de certas tendências psíquicas no feminino. Como reação à perda de uma livre existência despreocupada, Maria Adelaide desenvolve uma aversão por tudo quanto possa, em nome de convenções, limitar-lhe a esfera de ação. Pode, portanto, concluir-se que a própria condição infantil – e o desprendimento que nela se gozou ou fantasiou – é pretexto capaz de elucidar as mais obscuras decisões tomadas em adulto.

### 3 Conclusão

Que poderemos nós dizer, em jeito de conclusão? Primeiro: que Agustina Bessa-Luís, embora tendo admitido o indispensável contributo de Sigmund Freud para a evolução do conhecimento sobre a psique humana<sup>41</sup>, nem por isso cessou de sublinhar na sua prosa, direta ou indiretamente, as limitações a que os seus estudos estavam sujeitos, nomeadamente no que concerne ao desejo feminino, que nem sempre se esclarece tendo como único recurso a biologia<sup>42</sup>.

---

39 “Eduardo Coelho, exemplo do rapaz talentoso e pobre que sobe na vida pelas suas virtudes pessoais, à laia dum Super-Homem, tornou-se na memória da filha, num arquétipo que o doutor Alfredo da Cunha elevou à dimensão dos homens de sucesso. Bastava-lhe como referência, mas oprimia-a como dinastia. Daí que começasse a detestar o marido, cuja corrida ao prestígio ele perseguia até ao delírio” (Bessa-Luís, 2021, p. 161).

40 “Maria Adelaide não chegara ao estado de adulta, talvez pelo muito amor que tinha pelo pai e que julgava inspirar pelo facto de ser criança. As crianças têm com frequência a nostalgia de serem nómadas e, como consequência disso, quando adultas, o sonho de levar uma vida amorosa sem peias e com um toque incestuoso faz com que sejam atraídas pela renúncia ao conforto e ao bem-estar. [...] Quando o pai se torna rico e bem-sucedido na sociedade, Maria Adelaide, adolescente ou criança ainda, sente essa elevação social como uma perda. Desfaz-se em graças domésticas, é incansável, carinhosa, bem-educada. Casa-se com o rapaz com futuro que lhe é destinado e que a obriga a viver de maneira elegante e refinada. [...] E, de repente, Maria Adelaide sofre uma crise de exuberância infantil, com a sua fase de sexualidade sem controlo, com um ódio profundo a qualquer convenção social que trave a sua expansão” (Bessa-Luís, 2021, p. 215).

41 “Uns anos mais tarde Freud podia dar resposta a interrogações que os alienistas da época nem sequer formularam” (Bessa-Luís, 2021, p. 64).

42 “[...] as leis da repressão estimulam a cumplicidade, as evasões, o estado sem lei em que o perigo alimenta a paixão. Em qualquer parte pode surgir o cúmplice, o desejado, o parceiro do desejo em que o segredo completa a correspondência dos seres humanos. O desejo é essa fronteira extrapsicológica em que Freud se deteve como limite das suas especulações” (Bessa-Luís, 2021, p. 73).

Segundo: que a escrita agustiniana é criação pura, tal como a autora a definiu no seu *Dicionário imperfeito*, a saber: não como palco onde um julgamento moral se exerce, mas antes como espaço de indagação que, mais do que confeccionar uma verdade de levar no bolso, ousa ir mais além na sua averiguação do que aconteceu<sup>43</sup>. Em vez de erigir uma lei aplicável a todo e qualquer fenómeno humano, o criador compraz-se, caso a caso, no próprio ato de exploração de dado acontecimento nas particularidades que este assume. Semelhante metodologia – de infatigável procura e de consideração de hipóteses alternativas – é, precisamente, a que encontramos no livro *Doidos e amantes*.

Terceiro: que o mistério, associado no universo agustiniano à figura dos amantes, surge como hipótese a ponderar, entre tantas outras, no leque de razões capazes de enobrecer a resolução de Maria Adelaide, durante tanto tempo reduzida a fatores ditos biológicos<sup>44</sup>. Ao apresentar os amantes como uma espécie de quebra-cabeças cujas condutas não são passíveis de ser totalmente explicadas nem por métodos científicos nem por teorias psicanalíticas, a ficção de Agustina abre espaço, em terreno literário, para o espiritual e para o transcendentel, tão pouco tidos em conta na justificação de alguns ímpetos passionais.

Quarto: que a ficção agustiniana, como no-lo recorda Alda Lentina na sua tese de doutoramento intitulada *Agustina Bessa-Luís et l'écriture de l'Histoire*, se apraz na responsabilização dos atos femininos, os quais apresentam verdadeiras motivações e não estão dependentes de rasgos de loucura “próprios” do género de que emanam<sup>45</sup>. Dito de outro modo, e aplicando estas conclusões ao romance em apreço: recusar a loucura da protagonista feminina – tal como essa foi assumida por Alfredo da Cunha, pelos alienistas e por Francisco Freire – é, em *Doidos e amantes*, impedir que os atos de Maria Adelaide deixem de lhe ser atribuídos, a par das suas razões de ser e das suas repercuções no mundo. A prosa de Agustina trata, no fundo, de inscrever aquela mulher numa História que, durante algum tempo, lhe foi sendo recusada.

Quinto: que não dando uma resposta única, por admitir a complexidade do fenómeno humano, a ficção de Agustina oferece-se a várias interpretações, deixando margem para que cada qual edifique a sua própria visão das coisas. Como relembra Catherine Dumas, a aproximação de opostos – muitas vezes através do paradoxo e não raro associada a personagens femininas – serve como ponto de interrogação para abalar certezas enraizadas. E é por via da desorientação que Agustina, amiúde pelas suas heroínas, apela a novas leituras – das suas ficções e, claro, do mundo que as envolve<sup>46</sup>.

---

43 “[O criador] Não é jamais um moralista. Ele ama as descobertas, não se deixa abater pelo que o espectáculo da vida pode ter de depressivo; pelo contrário, o sentido do seu próprio limite no tempo é uma espécie de imunidade que o leva a não deixar nada por verificar [...]” (Bessa-Luís, 2008, p. 62).

44 “O amante é a mais intrigante das equações. Não confabula com a natureza para circular em volta da lei da preservação da espécie. O amante é uma invenção do espírito, não pode ser confundido com o homem. Ele traz ao homem a contaminação do transcendentel, com o terror que isso implica. O Freirão das Forças nem sequer olhou para mim. O seu reino estava ameaçado” (Bessa-Luís, 2021, p. 240).

45 “Le thème de la désobéissance commence à poindre dans les métafictions lorsque l'auteure prend un malin plaisir à confronter les points de vue sur les personnages féminins, ceci de manière à montrer que, si la société, la justice ou l'inquisition peinent à les juger coupables et préfère les regarder comme des victimes, c'est en raison d'une impossibilité ou d'un interdit à penser qu'ils seraient entièrement responsables de leurs actes. [...] Accepter leur culpabilité revient à leur conférer ce statut de sujet à part entière” (Lentina, 2012, p. 301).

46 “Estes valores são incarnados pelas mulheres que praticam a contradição como método de interrogação do mundo e não de exclusão [...]. Cada época há-de trazer consigo novas leituras da obra de Agustina Bessa-Luís. É o próprio dum grande escritora modular novas perspetivas críticas suscitando, desde o âmago da sua criação, a exegese dos seus romances. Centrais, as mulheres, ficcionalizadas e memorializadas, serão as mediadoras destas novas leituras” (Dumas, 2022, p. 14).

Sexto: que a verdadeira paixão, como recorda Mário Cláudio, é refratária a teorias e a tentativas de enquadramento, assumindo-se como modelo de evolução espiritual e pertinente incentivo para a mesma<sup>47</sup>.

Sétimo, e como desfecho deste artigo: que a escrita é um adequado divã para a paixão, talvez o mais benéfico de todos eles, exatamente por ser um lugar de confissões por excelência, conscientes e inconscientes, desta feita não sujeitas a cerceamento.

## Referências

- Bessa-Luís, A. (2008). *Dicionário imperfeito*. Guimarães Editores.
- Bessa-Luís, A. (2021). *Doidos e amantes*. Relógio d'Água.
- Caetano, M. J. (2020, 10 de setembro), A paixão não é loucura. *Diário de Notícias*.  
<https://www.dn.pt/edicao-do-dia/10-set-2020/a-paixao-nao-e-loucura-12628559.html>
- Claúdio, M. (2021). Prefácio. Geometria da Luz. In A. Bessa-Luís, *Doidos e amantes* (pp. 7–11). Relógio d'Água.
- Dumas, C. (2022). *Agustina Bessa-Luís e as mulheres*, Anuário de Literatura, 27, pp. 1–17.
- Freud, S. (2016). *La féminité*. Éditions Payot & Rivages.
- Freud, S. (2010). *Psychologie de la vie amoureuse*. Éditions Payot & Rivages.
- Lentina, A. (2012). *Agustina Bessa-Luís et l'écriture de l'Histoire* [Tese de Doutoramento, Université Paris-Sorbonne]. <https://crimic-sorbonne.fr/theses-et-hdr/agustina-bessa-luis-et-lecriture-de-lhistoire/>
- Malpique, C. (2019). *Amor de perdição em Agustina Bessa-Luís*, Revista Portuguesa de Psicanálise, 39 (2), pp. 81–84.
- Mexia, P. (2020). Agustina Bessa-Luís. In Feijó, A. M., Figueiredo, J. R., & Tamen M. (Eds.), *O Cânone* (pp. 41–47). Tinta da China.
- Molinier, P. (2016). Préface. La féminité de Freud, une fiction passionnée. In S. Freud, *La féminité* (pp. 7–38). Éditions Payot & Rivages.
- Ribeiro, A. M. (2014, 12 de outubro), O riso de Agustina. *Público*. <https://www.publico.pt/2014/10/12/culturaipsilon/noticia/o-riso-de-agustina-1672266>
- Soromenho, A. (2019, 3 de junho), “Eu só queria escrever, entrar no coração das pessoas e beber-lhes o sangue”: Agustina Bessa-Luís 1922–2019. *Expresso*. <https://expresso.pt/cultura/2019-06-03-Eu-so-queria-escrever-entrar-no-coracao-das-pessoas-e-beber-lhes-o-sangue-Agustina-Bessa-Luis-1922-2019>

47 “Declare-se por fim que a paixão em cru, a que se experimenta sem teorias, mas com palpitações, confere a esta fábula de cordel a sua coluna vertebral. [...] Quem hesitará em concluir que por meio dela, a paixão, e por nada mais, se levanta o definitivo archote do progresso das almas, e a sua pertinente justificação?” (Cláudio, 2021, p. 11).